

# QUEM ESCREVE?

Águeda Vieira Martinelli<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem o objetivo de examinar a noção de poeta e seu universo de atuação. Analisaremos e questionaremos o que é ser poeta a partir de Maurice Blanchot. Além disso, abordaremos a noção *função autor* de Michel Foucault com o intuito de melhor compreender de onde provém a ideia de autoria.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poeta; Silêncio; Obra; Autor; Impessoalidade.

**ABSTRACT:** This paper aims to examine the notion of poet and the universe of action that belongs to it. From Maurice Blanchot we are going to analyse and question what is to be a poet. Furthermore, we'll approach the notion *function-author* in Michel Foucault to try understanding the origin of the authorship idea.

**KEYWORDS:** Poet; Silence; Opus; Author; Impersonality.

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo abordar a concepção de autoria pelo viés do poeta. Nesse sentido veremos como opera o poeta ao trabalhar a palavra, este que está cindido entre si e a palavra, sempre remetendo a uma alteridade de si. Para atingirmos tal objetivo vamos abordar este tema a partir do filósofo, romancista e crítico literário Maurice Blanchot, sobretudo nas obras *A conversa Infinita* (volume I) e *O espaço Literário*, nas quais ele explora a ideia de que aquele que escreve não é somente um indivíduo empírico, mas que está em parte presente na obra que se desprende dele, de maneira que esta divisão se torna um imperativo na vida daquele que escreve. Este indivíduo encontraria o *impessoal*, um lugar ou uma condição em que não há objetos ou referências, lugar onde as imagens podem falar e o poeta é dominado pelo *fascínio da imagem*, de modo que escreve a própria imagem. Veremos, além disso, o contexto histórico de desenvolvimento

---

<sup>1</sup> Mestra em Filosofia pela PUCRS e Licenciada pela UFRGS. E-mail para contato: [aguedalli@hotmail.com](mailto:aguedalli@hotmail.com)

da noção de autor como Michel Foucault aborda, com vistas a clarificar a compreensão de autoria – e apontar para um possível romantizar da ideia de poeta.

## 2. A CISÃO INTERIOR: ENTRE O INDIVÍDUO E A PALAVRA

Poetas, contistas, crítica literária têm interesse em compreender melhor as características mais íntimas dos poetas, dentre outros artistas. Mas, isso não apenas por ser de interesse acadêmico em teoria literária e é pouco provável que algum deles pretenda prescrever uma receita de como tornar-se escritor ou poeta. No entanto, não são sem importância tais tentativas, porque essa procura muitas vezes termina por desenvolver verdadeiros poemas em prosa que abordam o universo interior do poeta na procura por caracterizá-lo e identificá-lo em seu *status quo* ou mesmo por defini-lo através de seu meio, suas origens, suas influências literárias e mesmo da sua vida privada. Por outro lado, radicalizam o questionamento, pois procuram o ser no nada, nas dimensões de criação e mesmo anteriores à criação, na tentativa de analisar o lugar mesmo de onde emanaria a criação. Todavia, existem palavras ou metáforas que podem dizer o inexplicável? É a criação poética inexplicável? Talvez se trate de compreender o ser do poeta como um sentimento que atravessa o indivíduo que escreve. Porém, então, ser poeta tratar-se-ia primeiro de uma espécie de conjunção de sentimentos constituidores? Ou escrever um poema é mais um ato possesso, através do qual o indivíduo que escreve é arrebatado e como que transborda o poema de si através da caneta, como se ele se ausentasse do mundo, tamanha a presença do mundo em si, de maneira que nesse instante ele é poeta? No entanto, sensações e sentimentos não são o suficiente para construir um estilo próprio. Em outras palavras, referimo-nos a um arcabouço intelectual que suporta o sentimento. Afinal, só bem escreve aquele que muito escreve e muito lê (e não é nenhuma novidade afirmar isto), o que também significa estudar e expor-se a crítica e a autocrítica.

Mas, aquele que escreve um poema pode fazer ouvir as nuances intrínsecas a vida? Porque é preciso silêncio para ouvir a vida, já que o belo e o grotesco (não somente o doce, mas também o amargo) somente possuem voz em meio a um silêncio atento, concentrado nesse ponto entre o eu que percebe (o fenômeno), a sensibilidade e um objeto exterior (ainda que devamos questionar: em que medida o objeto percebido é exterior de fato?) ou objetos mentais, tais como liberdade ou amor. O indivíduo está presente através de um corpo bombardeado por sensações externas, como ópera que se move em um preencher de si pelo mundo, que na realidade é um esvaziar gradual. Ir à solidão. Solidão do eu em seu diálogo interior. Eu diferente da exterioridade que invade, mas que se

transforma em eu, torna-se solidão. É preciso perguntar se este lugar solitário é demasiado cheio de si mesmo ou de outros ou de quais mundos? É necessário alguém que escreva a palavra, a palavra que alcança sentidos além dos limites da folha através dos olhos de cada um que lê, que a cada um faz tornar poeta por um instante, pois se é possível apreender, compreender e mesmo interpretar uma obra artística há um ponto de encontro democrático na arte, que exige apenas atenção e o conseqüente silêncio. Para o poeta, o silêncio é talvez mais árduo de conquistar, ainda que não propositalmente, pois “só há silêncio se houver a palavra e o barulho produzindo-se para cessar”<sup>2</sup>, ou seja, o silêncio é encontrado enquanto se produz ou cria o poema, até que ele esteja pronto ou, no mínimo, se desapegue do autor.

Quando se trata da relação do poeta com a palavra ela não se entrega. A palavra faz resvalar as pretensões – se pretensões existem – daquele que segura a caneta confiante de seu domínio sobre a palavra e a caneta se torna um intermediário que

consegue apenas colocá-lo e mantê-lo em contato com a profunda passividade em que a palavra, não sendo mais do que sua aparência e a sombra de uma palavra, nunca pode ser dominada nem mesmo apreendida, mantém-se inapreensível, o momento indeciso da fascinação<sup>3</sup>.

Mas, as palavras do poema quando escritas não estão ali por acaso ou por escolha aleatória, como Emil Staiger explica e, no entanto, também não são de todo arquitetáveis. As imagens e os sentidos estão presentes e existem, mas logo se retiram em cada palavra – não a palavra gramatical, ainda que ela em si também – que sugere sentidos e suscita imagens. A imagem evocada preenche cada palavra, o sentido é não-dito, a significação é irreproduzível em outras palavras que não as que precisamente ali estão. Eis que o indivíduo, o autor, o poeta é alguém junto à palavra no momento da escrita. O poeta ao escrever é vivido pela poesia. Ele é um sujeito da escrita. No entanto, seu corpo e sua mente são o veículo de sensações de um mundo exterior que se torna profundamente íntimo. No poeta há a conjunção de passividade e intencionalidade que o torna aflito: em que possibilidade ele se jogaria? A mão daquele que escreve “experimenta, em certos momentos, uma enorme necessidade de agarrar: ela deve agarrar o lápis, tem de fazê-lo, é uma ordem, uma exigência imperiosa”<sup>4</sup>. Como se escrever não fosse uma alternativa que dependesse da vontade, o poeta escreve e será a mão que não escreve que exercerá domínio ao afastar o lápis da mão que

---

<sup>2</sup> BLANCHOT, M. *Uma voz vinda de outro lugar*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 26.

<sup>3</sup> BLANCHOT, M. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 15.

<sup>4</sup> BLANCHOT, M. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 15.

escreve, revelando o poder de parar de escrever, um retorno a si. Isto é um embate? Há dois de um eu submetido a esta alteridade de si.

### 3. AUTOR E OBRA

Um indivíduo escreve, mas sua individualidade, sua biografia não compõe de todo o ato de escrever do autor. A obra se desata do autor empírico levando consigo algo dele, mas sendo ele durante o tempo da escrita. O sujeito lírico não se reduz a autoria ou a função autor, termo usado por Michel Foucault, ainda que ser um autor faça também parte do poeta. A ideia de autor está ligada ao momento da história em que houve uma forte individuação das ideias em vários campos do saber, conforme Michel Foucault explica. Como é possível o homem ter se individualizado na nossa cultura a partir do momento que passa a existir a preocupação com a autoria e não mais se atribui a uma figura a autoria de obras executadas por muitas pessoas? A análise de Foucault aborda como o texto de algum modo aponta para a figura exterior do autor. Há um viés impessoal na escrita contemporânea, sendo muito mais que um traço característico, mas um fator imanente à própria escrita, dominando-a como prática e não somente na escrita como resultado.

Se no romantismo alemão enfatiza-se a subjetividade, principalmente se falarmos em poesia, observa-se no próprio romantismo um duplo postulado a respeito do eu do artista “que se exalta de maneira ostensiva – de Fichte a Maine de Biran, de Chateaubriand a Musset – ao mesmo tempo em que se funde simultânea e contraditoriamente ao Todo cósmico – de Schelling a Novalis, de Maurice de Guérin a Hugo”<sup>5</sup>. Entretanto, com Nietzsche triunfa a herança do segundo postulado Romântico aplicado à arte. Podemos ver os indícios da libertação do eu no capítulo V de *O nascimento da tragédia* de Nietzsche, na fala da personagem Arquíloco:

Nós que consideramos o artista subjetivo um mau artista, e que exigimos que, na arte, em qualquer gênero e em todos os níveis, a princípio e, sobretudo, se supere o subjetivo, que se realize a libertação do ‘eu’ e que se imponha o silêncio a todas as formas individuais da vontade e do desejo – sim, nós consideramos que, sem objetividade, sem contemplação pura e desinteressada, não nos será jamais possível acreditar em um mínimo de criação artística verdadeira<sup>6</sup>.

Observamos nessa fala que embora defenda a impessoalidade na arte, Arquíloco fala ele mesmo, na primeira pessoa. Como então conciliar o eu gramatical com a exigência de uma objetividade na escrita – contrapondo-se ao excesso de subjetivismo – a não ser *forjando* um eu

<sup>5</sup> COMBE, D. *A referência desdobrada. O sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia*. Paris: PUF, 1996, p. 116.

<sup>6</sup> COMBE, D. *A referência desdobrada. O sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia*. Paris: PUF, 1996, p. 116.

impessoal? No *Nascimento da tragédia* a alternativa encontrada por Nietzsche para o problema da presença do eu na obra é a oposição entre o lírico dionisíaco e a forma apolínea, e exatamente no *processo dionisíaco* a subjetividade é renunciada pelo artista, ele se despoja de seu eu.

Dois grandes temas especificam o traço de impessoalidade ou de indiferença na escrita contemporânea: o primeiro é exatamente, como deixa explícita a fala de Arquíloco, a libertação do tema da expressão. A escrita refere-se a si própria, mas não se aprisiona na forma de interioridade, o que possibilita a constante reinvenção da escrita. É possível notar, logo, que a escrita não é composta de um sujeito estabelecido e nem mesmo do gesto (da ação) de escrever, mas é um espaço que se abre “onde o sujeito da escrita está sempre a desaparecer”<sup>7</sup>. O outro tema é o *parentesco* da morte com a escrita que traz o tema milenar, com os gregos, de o herói aceitar morrer jovem, mas ser imortalizado nos textos. A morte é uma glorificação – como Aquiles – que na narrativa torna imortais os heróis. Já na narrativa árabe, como nas *Mil e uma noites*, as histórias de Xerazade pretendem afastar a morte, exemplifica Foucault. Na nossa cultura, diz Foucault, estes elementos são transformados e a escrita se liga, agora, ao sacrifício de si, da própria vida daquele que escreve, mas que não é escrito nos livros, porque o autor vive tal sacrifício em sua própria existência, de maneira que a obra agora tem o direito de matar o autor e não mais direito de imortalizá-lo. Com a personalidade do autor ocorre o mesmo, pois o sujeito que escreve é apagado, toda a personalidade do autor é apagada, de onde sobressai como determinante para a escrita a ausência de autor, a morte do autor.

Ao dizer que a escrita é uma escrita exterior dizemos que aquele que se devota a escrita procura se afastar da terra onde tudo desaparece: outrora através dos deuses ou de um deus, hoje nos afastamos da presença passageira do mundo construindo outro mundo “à medida do nosso saber e livre deste acaso que nos dá sempre medo, porque ele esconde a obscura decisão”<sup>8</sup>. Entretanto, não é uma forma de esquivar-se da morte se ausentar da obra? Blanchot pergunta, *perdemos a morte?* Devido a lutarmos constantemente contra a não-existência, esquecemos que somos mortais – queremos esquecer isso? Mas, não é a morte exatamente o que nos faz mortais? Mesmo nossa linguagem “é agenciada para revelar o que ‘é’, não o que desaparece, mas o que

---

<sup>7</sup> FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 2006, p. 35.

<sup>8</sup> BLANCHOT, M. *A conversa infinita*. A palavra plural. São Paulo: Escuta, 2010, p. 74.

sempre subsiste e que nesta desapareção se forma: o sentido, a ideia, o universal”<sup>9</sup>. Entretanto, o que desaparece é o instante sensível que nasce e morre sem ser capturado, a não ser pela repetição constante de instantes que não são instantes, mas *duração*. Perdemos o presente, o instante verdadeiro do que é, segundo Blanchot, e na escrita tentamos recuperar o instante do ser, porém terminamos por desdobrá-lo em tantos outros presentes que se perde o agora, o aqui. Escapa para o futuro ou passado

#### 4. A FUNÇÃO AUTOR

Se o autor contemporâneo no que refere a sua individualidade está ausente, Foucault considera que ele seria substituído por outras noções que bloqueiam a noção de autor. Uma destas noções é a de *obra*. Em crítica literária deve-se analisar a obra em si, em diversos aspectos que a compõe estruturalmente, nas suas relações internas. Contudo, o que é e o que compõe uma obra? Uma obra é escrita por alguém a que damos o nome de autor. Mas, se alguém não é considerado um autor, aquilo que ele escreve e foi herdado não é uma obra. Então o que é? Por outro lado, se alguém é autor, tudo aquilo que ele escreve se inclui como obra? O que foi publicado, por exemplo, anotações ou notas de rodapé, fazem parte da obra? Mas, e se no meio de daquilo que consideramos obra, encontramos um endereço ou um recibo de contas, como menciona Foucault, estes são também obra? Para Foucault, não existe uma teoria da obra e isso atrapalha aqueles que trabalham na edição de obras.

A segunda noção que traz problemas à ideia do desaparecimento do autor é a noção de escrita, a qual deveria dar um novo estatuto à ausência do autor e possibilitar a dispensa da referência ao autor. Na escrita, atualmente, de acordo com esse estatuto é desconsiderado o que alguém pretende dizer e o próprio gesto de escrever. A questão é se não estamos transpondo para um *anonimato transcendental* as marcas empíricas do autor. Com a caracterização da escrita como ausência não se está repetindo “em termos transcendentais o princípio religioso da tradição, simultaneamente inalterável e nunca preenchida, e o princípio estético da sobrevivência da obra, da sua manutenção para além da morte e do seu excesso enigmático relativamente ao autor?”<sup>10</sup>. Contudo ressaltar a noção de escrita há o risco de manter a imagem do autor, apesar da aparente neutralidade da escrita. Dessa maneira, afirmar que o autor desapareceu é submetê-lo ao

---

<sup>9</sup> BLANCHOT, M. *A conversa infinita*. A palavra plural. São Paulo: Escuta, 2010, p. 74.

<sup>10</sup> FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 2006, p. 41.

transcendental, ou seja, a noção de autor paira sobre o trabalho literário, filosófico, etc., como se estivesse separado da ação de escrever e de sua parte material. Porém, a noção de autor deixa de existir, efetivamente?

Nessa perspectiva, o nome do autor traz muitas dificuldades, a começar pela própria ideia de nome que não se limita a indicar, semelhante a apontar com o dedo, porque equivale em certa medida a uma *descrição*. Isso significa que, além de indicar, o nome descreve aquele que porta o nome e com uma só palavra equivale a várias descrições definidas. O nome do autor se situa entre os polos da descrição e da designação, de modo que existe uma ligação específica que não é nem totalmente descrição e nem totalmente designação. Foucault explica que a designação de um autor não é afetada se cometemos algum engano quanto a alguma qualidade física ou a algum dado biográfico, mas se é descoberto que uma obra creditada a um determinado autor não é dele seria alterado o funcionamento do nome do autor. Isso mostra como o nome do autor não é um nome próprio como outros. O nome próprio do autor possui essas diferenças porque não é simplesmente um *elemento no discurso*, mas “ele exerce relativamente aos discursos um papel: assegura uma função classificativa; tal nome permite reagrupar certo número de textos, delimitá-los, selecioná-los, opô-los a outros textos”<sup>11</sup> e também permite que os textos se relacionem entre si e se aproximem. Um texto ter um nome de autor significa que não se trata de um discurso comum, mas qualifica-o para ser recebido de certa maneira numa determinada cultura com certo *estatuto*. O nome de autor não refere ao indivíduo real, mas ele circunda o texto manifestando seu modo de ser nos textos. Como ruptura, o nome do autor instaura “um grupo de discurso e seu modo de ser singular”, de maneira que há discursos que “são providos da função ‘autor’, ao passo que outros são dela desprovidos”<sup>12</sup> e esta *função autor* é um modo de discurso no interior de uma sociedade.

## 5. A IMPESSOALIDADE DO POETA

A obra perseguida pelo poeta é maior que ele próprio. O poeta – os escritores em geral – pertence à obra, de modo que visando sempre a obra esconde-se ao abrigo da solidão, nunca conclui a obra a não ser que vá ter com a morte ou que a obra rejeite ou exclua o escritor. No entanto, a obra não o solta: “Ela mantém-no à margem, está fechado o círculo em que ele não tem mais acesso a si

---

<sup>11</sup> FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 2006, pp. 44-45.

<sup>12</sup> FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 2006, p. 46.

mesmo, onde ele, entretanto, está encerrado, porque a obra, inacabada, não o solta”<sup>13</sup>. O evento da obra em que se pronuncia a palavra ser se concretiza não somente quando o artista escreve, mas inclui aquele que lê, aflora as intimidades desses dois. A vida do escritor *resvala* para o infinito, esse é o significado da afirmação de que a tarefa do escritor termina com sua vida. O escritor *destrói* o que escreveu e recomeça num outro livro, perseguindo a obra. A obra jamais cessa, porque a obra infinita reflete o próprio espírito infinito daquele que escreve, infinito para dentro de si, abismo da queda infinita em si, lugar da não-estação, das flutuações, porque observa-se muitas vezes o ser de si mesmo. Desse modo é que a obra termina com a morte do escritor, do poeta.

Quem seria aquele a dizer de si algo acabado? O poeta é aquele a esperar incessantemente fincado a pedra? Esperar o que? E, no entanto, não é o desejo humano infinito? Esperar a quem? Não é ‘esperar’ estar só, ciente de si só, na urgência daquele/daquilo que vem? A *ausência de tempo* significa algo como o infinito a que se entrega o poeta, que é a essência da solidão, afirma Blanchot. Nesse tempo nada começa e é sempre presente, na espera de imagens onde as coisas se retiram, na espera do Eu que venha, na espera de si que lá vem, mas que não se mostra. Na ausência do tempo nada aparece e o poeta é remetido constantemente à ausência, ao silêncio, como se para escrever fosse necessário a ausência do ser em que os seres são para, então, encontrar o ser. Dessa maneira, em que o olho não vê o objeto, as imagens são vistas. Neste tempo que é ausência de tempo, que é solidão mesmo de si se ergue a presença de *Alguém* sobre aquele que está só: é impossibilidade de estar só; seria a presença de si a si daquele que está só? Blanchot está falando da solidão na qual quem está sozinho não sou eu como aquele que levanta e diz Eu, como o tédio de ser si mesmo, mas ainda outro eu, que se esconde de mim, pois somente de tal modo pode ser si. Trata-se do eu que descobre que o não-ser fundamenta seu eu, percebendo que é separado do ser. O que está presente é o *impessoal* como

o lado de fora, aquilo que antecipa e precede, dissolve toda a possibilidade de relação pessoal. Alguém é o Ele sem fisionomia, o coletivo impessoal de que se faz parte, mas quem faz parte dele? Nunca tal ou tal indivíduo, nunca tu e eu. Nenhuma pessoa participa do coletivo impessoal, que é uma região impossível de trazer para a luz [...]”<sup>14</sup>.

No coletivo impessoal tudo se transforma. É perder toda conexão com tudo e todos, mas anterior a perda de conexão, porque não houve ligação, porque ninguém participa do coletivo impessoal. Contudo, há uma intimidade com o impessoal que não significa, por ser relação com um

---

<sup>13</sup> BLANCHOT, M. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 48.

<sup>14</sup> BLANCHOT, M. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 22.

mundo, existência<sup>15</sup>, diz Levinas, pois a existência é anterior à relação com um mundo. O “ser ao qual o desaparecimento do mundo nos torna atentos não é uma pessoa, nem uma coisa, nem a totalidade das pessoas e das coisas”, mas trata-se “do fato de que se é, o fato de que há.”<sup>16</sup>. É o ser que assume sua existência, já existindo, segundo Levinas, e a que Blanchot alude.

No reencontro com as coisas que a visão proporciona, sem pretensões de domínio ou de ação, em que o que é visto posto a distância, e que por isso mesmo é visto, retorna a nós, não por apropriação do tato, mas por uma apropriação que não é apropriação, pois é toque a distância, um *contato a distância*: aquilo que o olho vê impõe-se e atrai o olhar, aquilo que o olho vê seduz para fora, na distância e, no entanto, perde seu status de corpo, de sensível retirando-se do mundo. Tal contato a distância entrega a imagem e quando falamos acima de *fascínio*, tal fascínio é o *fascínio da imagem*<sup>17</sup>. Tal fascínio que o olhar proporciona *neutraliza* o próprio olhar, “impede-o de jamais terminar, corta-o de todo começo, faz dele um clarão neutro extraviado que não se extingue, que não ilumina, o círculo, fechado sobre si mesmo, do olhar”<sup>18</sup>, de maneira que não é mais possível não ver e o fascínio é o *olhar da solidão*. Dizemos, com isso, que os objetos não têm mais os sentidos que poderiam ter, porque o olhar fascinado cava além do sentido que patina na superfície das coisas e, entretanto, esse olhar não vê algo. O que é visto por alguém que está *fascinado* o segura e tem relação com o *Alguém*, com a impessoalidade. Portanto, escrever é abraçar a impessoalidade, escrever as imagens e não as coisas. Sugerir porque a linguagem não pode dizer o impessoal.

## 6. CONCLUSÃO

Procuramos expor no começo deste artigo a divisão interna entre o indivíduo e o mundo exterior que chega a ele que são formadoras de um poeta. Quando nos referimos ao autor, vimos como para Maurice Blanchot o silêncio é essencial não somente para a criação final, mas como algo que no processo de criação do poeta é fundamental. O poeta – ou sujeito lírico, como podemos entender – é formado, além desta divisão inquietante, da conjunção de passividade e intencionalidade, isto é, contemplação e dedicação a escrita, mão que se move à caneta, intelecto que perscruta o infinito. Mas, haveria outra dimensão além da individualidade de alguém que

---

<sup>15</sup> LEVINAS, E. *Da existência ao existente*. Campinas: Papyrus, 1986, p. 21.

<sup>16</sup> LEVINAS, E. *Da existência ao existente*. Campinas: Papyrus, 1986, p. 22.

<sup>17</sup> BLANCHOT, M. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 23.

<sup>18</sup> BLANCHOT, M. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 23.

escreve? Que dimensão é esta? Talvez seja uma resposta árdua de encontrar à pergunta: o que, afinal, torna um poeta, poeta?

Por isso, procuramos abordar a concepção de Michel Foucault em *O que é um autor?* Onde ele procura entender como se desenvolveu a noção de autor no decorrer histórico. Para ele existe uma "função autor". Essa noção aponta que na contemporaneidade predomina um viés impessoal do autor. O texto (o trabalho, a obra de um autor) aponta para uma figura exterior, um sujeito empírico, mesmo que a noção de autor seja substituída por outras noções, podemos entender que o autor está presente, ainda que de maneira latente. Por fim e de maneira resumida, para Foucault a função autor caracteriza a maneira de ser de um discurso de dada sociedade. Para nossa sociedade, ela serve como mecanismo, de acordo com Foucault, de apropriação do indivíduo que escreve e nos auxilia a identificar os diferentes tipos de eu no interior de um discurso – tal como o poético.

Logo, podemos compreender que a impessoalidade do poeta e a obra perseguida por ele (maior que o poeta) é uma maneira de entender um discurso que se desenvolve historicamente. Entretanto, a alteridade de si, esta divisão interior de um indivíduo que escreve poesia, por exemplo, é um assunto muito mais amplo e profundo. Encontraríamos no poeta um sujeito fascinado pela imagem que na palavra aflora de maneira tão arrebatadora que a obra se torna uma obsessão perseguida incessantemente.

## REFERÊNCIAS

**BLANCHOT**, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. 279 p.

\_\_\_\_\_. *A conversa infinita*. A palavra plural. São Paulo: Escuta, 2010, 142 p.

\_\_\_\_\_. *Uma voz vinda de outro lugar*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, 159p.

**COMBE**, Dominique. *A referência desdobrada. O sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia*. Paris: PUF, 1996. Em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13790>

**FOUCAULT**, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 2006, 160 p.

**LEVINAS**, Emmanuel. *Da existência ao existente*. Campinas: Papyrus, 1986. 119 p.